

CANTÕES CURDOS E CARACÓIS ZAPATISTAS: AUTONOMIAS HOJE



Ana Paula Massadar Morel

Texto escrito por Ana Paula M. Morel, militante e doutoranda pela UFRJ, pirateado e editado por Facção Fictícia em 2021.

Imagem de capa: grafite com representações combatente curda do YPJ em Rojava, anarquista da CNT/FAI da Revolução Espanhola, 1936, e mulher zapatista de Chiapas.

faccaoficticia.noblogs.org | facfic@riseup.net

Sumário

Introdução _____	5
O Papel das Mulheres _____	6
Ecologia e Relação com a Terra _____	8
Ruptura com as Perspectivas Estatais _____	10
Conclusões _____	14
<i>Notas</i> _____	17
<i>Referências</i> _____	20

Introdução

Em Chiapas, sul do México, o movimento zapatista, composto predominantemente por indígenas mayas¹, luta a cada dia pelo *lekil kus-lejal* (“bem viver”, em *tzotzil*). O movimento enfrenta uma incessante ofensiva estatal que passa por bases militares, financiamento de grupos paramilitares e tentativas de realização de empreendimentos ligados ao grande capital em seus territórios. Em Rojava², o povo curdo³ constrói diversos experimentos de Cantões curdos e caracóis zapatistas: autônomo hoje autonomia, ao mesmo tempo em que resiste aos ataques do Estado Islâmico (ISIS) com Peshmergas⁴ nas montanhas de uma das regiões mais visadas do Oriente Médio. Zapatistas e curdos... Como esses dois movimentos que atuam em lugares tão distantes e distintos podem se relacionar e dar alguma esperança hoje de novos amanhã? Tendo em vista essa questão, esse texto é tecido a partir da experiência que tive vivendo por alguns meses em Chiapas, quando realizei trabalho de campo para a minha pesquisa de doutorado e militei como apoiadora do movimento zapatista, e das leituras de materiais e bibliografia sobre os acontecimentos recentes na região do Curdistão⁵.

Antes de tudo, vale dizer que uma das questões que parece dar tanta repercussão a esses movimentos dentro do cenário da esquerda (principalmente libertária) é que estes se constituem como certas materializações contemporâneas e em grande escala⁶ da afirmação de Pierre Clastres (2003), e de tantos outros pensadores anarquistas, de que sociedade não é sinônimo de Estado e de que pode existir não só sociedade sem Estado, mas contra o Estado. Assim, lembrando o que ocorreu na Revolução Espanhola, esses movimentos têm atraído pessoas de diferen-

tes lugares do mundo: diversos brigadistas internacionais de solidariedade vão para Rojava tanto para apoiar a guerrilha, quanto para apoiar a reconstrução das cidades; vemos também, em relação aos zapatistas, uma enorme rede de apoio internacional, com comitês de solidariedade em diversos países, mobilizando milhares de militantes estrangeiros nas atividades de apoio ao movimento (como a Escuelita Zapatista, realizada em 2014, que contou com cerca de 3000 alunos).

Mesmo que essa rede internacional funcione, muitas vezes, de maneira subterrânea – e ainda um pouco fluida – ela existe e acontece em pequenos atos de solidariedade, encontros, compartilhar de princípios, etc. Existe inclusive entre os próprios zapatistas e curdos que tiveram seu primeiro encontro público em 2015, no Seminário do Pensamento Crítico Frente à Hidra Capitalista, em Chiapas, quando uma porta-voz do movimento curdo apresentou jovens zapatistas com uma bandeira do movimento e anunciou: “Nós, povos da montanha, estamos com vocês, povos da selva, na luta por autonomia”. É importante mencionar que essa relação já vinha sendo construída bem antes desse primeiro encontro público, através de trocas e inspirações, ainda que em terras tão distantes.

O Papel das Mulheres

Dito isso, apresento algumas questões levantadas por essas lutas. Primeiramente, as mulheres. As mulheres sempre tiveram um papel fundamental na luta zapatista. O próprio Subcomandante Marcos afirma que a primeira revolta não foi a de 1994, mas sim a que culminou na Lei Revolucionária das mulheres, em 1993. Diante de um cenário de violência doméstica, discriminação e exploração, essa lei é a expressão da organização das mulheres indígenas zapatistas em busca de transformação. Ao conhecer algumas comunidades indígenas na região de Chiapas,

pude perceber algumas diferenças entre a vida das mulheres zapatistas e não-zapatistas. Por exemplo, muitas mulheres não-zapatistas sofrem com casamentos forçados, o que já não ocorre mais entre os zapatistas. Além disso, as mulheres zapatistas participam de todos os níveis do governo autônomo e têm suas próprias cooperativas, o que favorece alguma independência econômica. Outro ponto é que, assim como na luta do povo curdo, as mulheres formavam e ainda formam uma grande parte das fileiras da força de guerrilha e da auto-defesa. Sobre isso, vale lembrar a importância da Comandanta Ramona, uma das principais figuras públicas do início do movimento, sendo a primeira zapatista enviada para a Cidade do México para representar o movimento (STANCHEV, 2015).

Em relação ao movimento curdo, as mulheres têm também papel fundamental já de longa data. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) promove a participação das mulheres desde o seu surgimento. Não à toa, vemos circulando no mundo imagens das mulheres curdas lutando nas montanhas com seus sorrisos e armas que se tornaram símbolos de resistência na luta contra o Estado Islâmico. Dentro da organização de auto-defesa do povo curdo chamada de Unidade de Proteção do Povo (YPG), há uma fração feminina chamada Unidade de Proteção das Mulheres (YPJ) que muitas vezes atua como linha de frente em diversas operações militares. Além disso, as mulheres participam igualmente nas tomadas de decisões e estão representadas em todos os cargos, que são sempre compartilhados por um homem e uma mulher. As assembleias das mulheres, cooperativas e milícias femininas são o coração e as mãos da revolução. O próprio Öcallan (2013) afirma: “o grau de transformação possível de uma sociedade está determinado pelo grau de transformação realizado pelas mulheres”. As curdas também propõem a noção de jinealogia, que significa “ciência da mulher”, esta busca “reler e reescrever a

história das mulheres”, pois, como dito por elas, “matar o macho dominante” implica em reinventar também o conhecimento (DIRIK, 2015).

O que esses dois movimentos parecem mostrar é que não é mais possível pensar revolução sem feminismo hoje... E, também, que o feminismo não é necessariamente único, nem equivalente aos feminismos ocidentais, já que a luta dessas mulheres vinda de povos indígenas traz novas questões para o próprio feminismo ocidental a serem mais bem conhecidas e, quem sabe, até aproveitadas por feministas de outras geografias.

Ecologia e Relação com a Terra

Outro ponto fundamental que atravessa essas duas lutas são as preocupações ecológicas. São diversas as referências explícitas do movimento curdo ao pensador estadunidense Murray Bookchin. Essa menção se dá tanto pela proposta, desenvolvida pelo autor do municipalismo libertário, que teria servido como principal inspiração para o Confederalismo Democrático proposto pelos curdos, como também pela preocupação com a ecologia que foi desenvolvida pelo autor dentro de uma perspectiva revolucionária. Em *The Ecology of Freedom*, Bookchin afirma que “a noção de dominação da natureza pelo homem vem da real dominação do homem pelo homem” ligando patriarcado, destruição ambiental e capitalismo (STANCHEV, 2015) e apontando para a abolição desses como o único meio para uma sociedade justa. A partir dessa concepção, se desenvolvem, nos territórios liberados, diversas cooperativas agrárias tendo como referência a agroecologia⁷.

Entre os zapatistas, essa também é uma preocupação. Sobre isso, apresento algumas questões levantadas pela cosmopolítica de indígenas zapatistas tzotzil, com quem convivi no tempo que vivi em Chiapas. Cer-

ta vez, uma promotora de educação autônoma zapatista me disse: “El capitalismo es una negación de las grandezas de los otros, no hay ichbail tamuk, que es el respecto de la grandeza recíproca de los otros. Para tener lekil kuxlejal (bem viver) es necesario una convivencia horizontal con la tierra, con los ríos, las montañas”. Alguns zapatistas me contaram que cada lugar importante do mundo, cada rio, cada montanha, cada terra tem os ya’val, espécies de deuses, donos desses lugares importantes. Para viver bem seria preciso uma constante negociação com os ya’val. Sem respeitar e buscar esse diálogo, os efeitos, para as pessoas, seriam negativos. Sendo a terra a deusa mais fundamental com a qual se deve manter diálogo pois ela é uma mãe que possibilita a vida. A própria autonomia só é possível com a terra, que eles traduzem como lum que significa terra e povo na mesma palavra. Assim, me contou um zapatista: “terra para a gente significa nossa mãe, é um princípio, uma origem... Tirar nosso direito à terra, é tirar nossa espiritualidade, nos sentimos solitários e impotentes”. A terra é, então, fundamental para a vida zapatista nos sentidos mais profundos.

Já a vida dos brancos (chamados kaxlans), dizem os zapatistas, seria, em geral, muito diferente disso, pois partiria da separação da cabeça em relação ao resto da vida, no esquecimento da importância da terra e sem estabelecer relações de respeito recíproco com os ya’val produziram destruição, tristeza, sofrimento.

Poderíamos dizer que, para esses povos, a ecologia não é um substrato inerte sobre o qual o homem pode intervir, mas, como dito por Eduardo Viveiros de Castro (2016b, p.48), “é uma dimensão constitutiva da condição terrana dos humanos, sua relação vital com o lugar, o solo, a terra — e a Terra”. Mais um ensinamento desses movimentos: não há como pensar a criação de um novo mundo, sem cessar a destruição do mundo onde habitamos, o que passa por uma relação constitutiva (e não de propriedade) com a própria terra, lugar, onde vivemos...

Ruptura com as Perspectivas Estatais

Outro ponto a ser destacado atravessa a história de ambos os movimentos: tanto o movimento curdo quanto o movimento zapatista são marcados por uma trajetória que começa no marxismo-leninismo e apresenta uma ruptura com essa perspectiva política para se encaminhar para uma defesa da autonomia.

A principal força política do movimento curdo⁸, o Partido dos Trabalhadores do Kurdistão (PKK), foi fundada em 1978 na Turquia, sob orientação do marxismo-leninismo, começando uma guerra de guerrilhas em 1984 que tinha como objetivo a libertação nacional⁹, através da formação de um Estado Curdo independente. No final da década de 90, o movimento rompe com essa perspectiva e desenvolve a proposta do Confederalismo Democrático, sistematizada por Abdullah Öcalan¹⁰ dentro da prisão: seria preciso reinventar a política para além da barbárie capitalista instaurada e os autoritarismos do socialismo estatal (e sua obsessão pela tomada do poder).

O movimento curdo passa a apontar para o estabelecimento dos Estados-Nação, central no paradigma da modernidade capitalista, como um dos grandes pilares da opressão que sofrem, evidenciando a conexão causal entre essa opressão e a dominação global do sistema capitalista. Os Estados-Nação se desenvolveriam através de todo tipo de monopólio (político, econômico, ideológico), tendo como base o sexismo e o nacionalismo. A escravidão da mulher, como já mencionamos, seria a opressão mais profunda e disfarçada, enquanto o nacionalismo teria propiciado séculos de destruição em nome de uma sociedade unitária imaginária. Diante disso, os curdos acreditam que a criação de um novo Estado só iria perpetuar opressões, ainda mais considerando a diversi-

dade de povos que habitam o mesmo território na região do Curdistão. Voltaremos a esse ponto.

O Confederalismo não pode ser pensado, então, como uma entidade monolítica homogênea, ele é aberto a outros grupos, é flexível, antimonopolista e orientado para o consenso. Ele se estabelece por um amplo projeto visando a soberania econômica, social e política, mirando a criação de formas organizativas necessárias para possibilitar à sociedade um autogoverno. As eleições perdem a importância em prol de um processo político dinâmico e contínuo baseado nas intervenções diretas do povo. A população deve estar envolvida em cada processo de debate e decisão.

Esta proposta é efetuada por conselhos abertos, parlamentos locais e congressos gerais. Nesse sentido, não há uma forma única a ser estabelecida, a ideia inclusive, é valorizar as experiências históricas da sociedade e sua herança coletiva, baseadas em clãs e tribos em oposição às estruturas centralizadoras do Estado-Nação. Os diferentes atores sociais formam unidades federativas, células germinais da democracia participativa, que podem se associar em novas confederações mais amplas. Ainda que o foco esteja no nível local, organizar o Confederalismo globalmente é importante para mudar radicalmente a sociedade.

Para garantir que esse processo de democratização possa se realizar, a autodefesa é fundamental. Diferente da militarização verticalizada típica dos Estados, as forças de segurança devem responder às decisões populares tomadas de baixo para cima e todos que participam da autodefesa frequentam cursos de resolução de conflitos não violenta e de teoria feminista. A ideia em médio prazo é que toda a população possa receber treinos de autodefesa, para que não seja necessário polícia nos diferentes cantões (regiões autônomas) curdas. Além disso, as unidades militares elegem seus oficiais. Saúde e educação também são garantidas

pela autonomia curda e, recentemente, a primeira universidade de Rojava foi inaugurada.

Em relação aos zapatistas, o núcleo inicial do EZLN, chamado Frente de Liberación Nacional (FLN), fundado em 1983, era, nas palavras do próprio Subcomandante Marcos: “un grupo que viene con toda la tradición de las guerrillas latino-americanas de los setenta, grupo de vanguardia, ideología marxista-leninista, que lucha por la transformación del mundo buscando la llegada al poder de una ditadura del proletariado” (EZLN, 1996, p. 320). Um marco para a transformação da linha política do zapatismo foi o fracasso das negociações com o governo mexicano a partir do não cumprimento dos Acordos de San Andres. A proposta do zapatismo, junto a outros movimentos populares do México, era garantir aos povos indígenas o direito à autonomia, autodeterminação, educação, justiça e organização política, sendo o direito à terra um dos pontos fundamentais. Em 2001, o presidente do México na época Vicente Fox propõe uma versão deturpada dos acordos no Congresso, diante disso, o EZLN se retira definitivamente das negociações com o Estado. Se, por um lado, o fracasso das negociações com o Estado mexicano é um fator fundamental, há também os efeitos do encontro dos guerrilheiros vindos de origem urbana com os indígenas maias que atualmente compõem a maior parte do movimento. É inegável que o pensamento e as diversas formas de organização comunitária já existentes entre os povos indígenas da região influenciaram diretamente esses militantes e as posições políticas do movimento¹¹.

Assim, em 2003, os zapatistas declaram a criação das cinco zonas rebeldes, chamadas caracóis. O lema dos caracóis é estamos fazendo por nós mesmos, em suas palavras, “lento, pero avanzo”.

A construção da autonomia passa a atravessar toda a vida zapatista: na criação de escolas, atenção à saúde, cooperativas e estrutura jurídico-administrativa, quer dizer, toda uma organização distinta das

instituições estatais mexicanas e geridas através de assembleias locais. Para tal, os zapatistas organizam suas vidas por um duplo trabalho: o trabalho na milpa (plantação) da família, de onde provém parte coletivo. Esse trabalho coletivo pode ser tanto em uma milpa coletiva, geralmente há uma em cada comunidade, como também em algum cargo como autoridade autônoma, promotor de educação, saúde, comunicação, agroecologia, etc. O trabalho coletivo é um dos principais fundamentos da autonomia zapatista.

Um dia, perguntei a um promotor de educação zapatista como ele traduziria autonomia para o tzotzil. Ele me respondeu, depois de um tempo pensando, que traduziria como *xkuxlejal* (vida) *stuk* (própria) *jteklum* (pueblo). Explica ele: “El espíritu de la autonomía es no tener centro donde se concentra el poder, no hay separación entre quien manda y quien obedezca, tiene que ser lo mismo pueblo. Nadie desde arriba va decir lo que tienes que hacer.” O funcionamento das autoridades autônomas nos remete diretamente a ideia de “chefe sem poder” (CLASTRES, 2003), que podemos relacionar com a proposta de “mandar obedecendo”, o que também está expresso na famosa máxima zapatista, “aquí manda el pueblo y el gobierno obedece”. Os zapatistas reiteram: as autoridades trabalham para comunidade, ser autoridade é muito trabalhoso e por, muitas vezes, exige que a pessoa tenha que se afastar de sua milpa por um tempo. As autoridades autônomas das Juntas de Buen Gobierno se revezam por turnos nos caracóis e não recebem salários, no máximo, algum apoio com alimentos. A tradução que uma companheira zapatista me apresentou para esse função foi *a'mtel jpatan* que significa: aquele que faz um trabalho que não é dele, mas do povo. Como apontado por Pierre Clastres, tudo nos leva a crer que: “O chefe está a serviço da sociedade. É a sociedade em si mesma –verdadeiro lugar do poder – que exerce como tal sua autoridade sobre o chefe” (2003, p. 223).

Conclusões

Podemos perceber que na transformação que ocorre tanto no movimento curdo quanto zapatista, não é mais a vanguarda que busca dirigir o povo, mas são os próprios povos que fazem a revolução, como dizem os zapatistas, “desde abajo”. Na construção da autonomia, esses movimentos passam, então, de “movimentos para o povo” a “movimentos do povo” (STANCHEV, 2015).

Por último, retomamos um ponto já mencionado anteriormente: esses povos de que aqui falamos se configuram também como minorias étnicas. Minorias étnicas que tem sua existência abafada seja através do genocídio ou do etnocídio¹² por parte de Estados-Nação.

No caso dos zapatistas, é inegável que a militarização na região cresce constantemente desde a época do levante em 1994, assim como o Estado segue financiando grupos de paramilitares para perseguir os zapatistas, além de fomentar uma série de programas assistenciais, com funcionamento assimilacionista¹³. Essas políticas chamadas de “políticas de contra-insurgência” têm como objetivo não apenas afastar os indígenas do movimento, mas integrá-los a um projeto de nação onde passam a figurar apenas como resquícios de um passado glorioso pré-colombiano, parte de uma essência perdida do povo mexicano, que perde completamente seu direito à diferença e à contemporaneidade.

Em relação ao povo curdo, ele é considerado um dos maiores povos sem Estado do mundo, com cerca de 30 milhões de pessoas concentradas, principalmente, na região do Curdistão, sendo oprimidos pelos estados da Síria, Iraque, Turquia e Irã, com quem estão em conflito há décadas (além do confronto mais atual, mas não menos opressor com o Estado Islâmico). Como apontado por Abdullah Öcalan (2008), enquan-

to alguns árabes chamam os curdos de “árabes do Iêmen”, alguns turcos os denominam “turcos das montanhas” e os persas os consideram seus alter egos étnicos, expressando alguns dos mecanismos da tentativa de assimilação que sofrem os curdos.

Tanto em relação aos curdos quanto aos zapatistas, poderíamos afirmar que, como apontou Eduardo Viveiros de Castro (2016b), ao tratar da relação dos povos indígenas no Brasil com o Estado brasileiro, o etnocídio é mais do que um ato contra as minorias étnicas, mas é como se estabeleceu historicamente a relação entre a forma-Estado e a forma-ethnos (os povos indígenas). Quer dizer, o próprio Estado se estabelece, antes de tudo, contra os índios não por desvio, ou acidente, mas pela sua lógica mesma de funcionamento. Diante disso, parece impossível para esses povos propor a criação de um novo Estado como solução dos problemas que sofrem¹⁴.

Olhando o ponto por outro ângulo, também poderíamos dizer que junto da negação do Estado, a luta por autonomia desses movimentos parte pela afirmação da vida dos povos envolvidos. Isso não significa que essa afirmação seja equivalente a uma identidade essencializada, ou a reivindicação de minorias enquanto Estados, o que poderia se adequar, como bem observou Guillaume Sibertin-Blanc (2013), a um referencial central dos modos de governabilidade do capitalismo mundial¹⁵. Como dito pelo autor, as minorias não seriam revolucionárias em si, mas o potencial revolucionário dessas passaria pela possibilidade de se conectar com outras lutas. Assim, vemos como a autonomia do povo curdo e dos zapatistas longe de ser um duro programa pairando no ar, envolve a existência desses povos como um todo (nos seus mais variados aspectos, a que costumamos chamar de materiais, espirituais, cosmológicos, etc) e a afirmação mesma dessa existência, enquanto povos que diferem e re-existem. E, essa afirmação ocorre concomitante a uma abertura em

suas lutas, expressa na máxima zapatista da defesa de “um mundo onde caibam vários mundos” e no Confederalismo enquanto “aberto a outros grupos, flexível e anti-monopolista” (OCALAN, 2016, p. 27). Exemplos de autonomia e não modelos¹⁶ (VIVEIROS DE CASTRO, 2016) – enfrentando um antigo desafio dos movimentos de esquerda em suas diversas tentativas de internacionalismo ao longo da história, desafio em relação ao qual os zapatistas e curdos, enquanto povos em resistência, parecem dar bons passos...

Por fim, voltamos para as palavras do movimento curdo no seu primeiro encontro público com os zapatistas: “Viver no capitalismo é uma anti-vida. É preciso uma revalorização da vida a partir de sua transformação.” Da grande distância cosmopolítica e geográfica entre cantões e caracóis, eles se encontram como revalorização da vida, o que passa por uma relação imanente com a terra e uma construção cotidiana e contínua da autonomia nos maiores e menores feitos. Em curdo a raiz da palavra vida vem da palavra mulher, terminamos, então, com um dos principais lemas do movimento curdo:

Jin, jîyan, azadî.

Mulher, vida, liberdade.

Notas

1 Os indígenas zapatistas falam diferentes línguas mayas: tzotzil, tzeltal, ch'ol e tojolabal. Não há contabilizações exatas do número de zapatistas atualmente, a última marcha pública realizada no dia 21 de dezembro de 2012 foi contabilizada a participação de cerca de 30 mil zapatistas, sem contar os muitos zapatistas que permaneceram em suas comunidades

2 Região também conhecida como Curdistão Sírio onde a autogestão vem sido intensamente implementada.

3 Os curdos são o maior povo sem Estado do mundo, com cerca de 30 milhões de pessoas em diferentes locais. O curdo é uma língua indoeuropeia pertencente ao grupo indo-iraniano que é dividida em sorani, zaza, hawramani. O povo curdo é em sua grande maioria muçulmana, fundamentalmente sunita, mas também existem curdos cristãos, yezidis e kakais.

4 Termo utilizado para se referir aos combatentes curdos e literalmente significa "aqueles que enfrentam a morte" (pesh enfrentar + marg morte).

5 Neste texto, utilizo trechos da apresentação que realizei na ocasião do lançamento da versão em português do livro do Confederalismo Democrático (OCALAN, 2016), assim como alguns trechos do prefácio que escrevi para esta tradução (MOREL, 2016).

6 O que não quer dizer, claro, que seja perspectiva política, mas talvez sejam os que conseguem colocá-la em prática com maior nível de intensidade no mundo hoje.

7 Como a cooperativa de mulheres mencionada em: <http://vorasenda.es/rojava-la-revolucion-de-las-mujeres>

8 É preciso mencionar que ainda que atualmente esta seja a perspectiva política com mais força, existem também outras propostas políticas entre os curdos, há, por exemplo, uma “aristocracia curda” que se baseia em princípios políticos completamente distintos.

9 Diretamente ligada à ideia etapista comum em parte do marxismo de que o movimento deve passar primeiro por uma etapa nacional-industrial estatal para depois se tornar internacionalista e socialista.

10 Abdullah Öcalan é uma das principais referências do PKK e segue preso pelo Estado turco.

11 Segundo Jerome Baschê (2013), os anos de 1992 e 1993 são decisivos para o que chamamos de “indigenização” do movimento pois é quando se intensifica a autonomização do EZLN (composto das bases indígenas) em relação à FLN (composta pelos comandantes). A própria decisão pelo levante armado teria sido decisão preponderante da primeira organização contrariando a vontade de boa parte dos comandantes.

12 Como dito por Pierre Clastres (2004) em ambos os casos o Outro é visto como a má diferença, mas, enquanto no caso do genocídio busca-se simplesmente exterminar os outros porque eles são maus, no etnocídio, os outros são maus, mas busca-se melhorá-los até que se tornem idênticos ao modelo que lhes é imposto.

13 Sobre isso, ver Marco Estrada-Saavedra (2009).

14 Como deixa claro o próprio Öcalan (2016, p. 25): “Ao longo das últimas décadas os curdos não só lutaram contra a repressão dos poderes dominantes e pelo reconhecimento de sua existência, mas também pela libertação de sua sociedade do domínio do feudalismo. Por isso, não faz sentido substituir as antigas correntes por novas ou mesmo intensificar a repressão. Isso é o que a fundação de um Estado-Nação

significaria no contexto da modernidade capitalista. Sem oposição à modernidade capitalista não haverá lugar para a libertação dos povos. É por isso que a fundação de um Estado-Nação curdo não é uma opção”.

15 Nesse sentido, podemos apontar que um dos desafios constantes desses movimentos parece ser justamente não submeter a multiplicidade a um princípio objetivo ou subjetivo de identificação, o que os enquadraria simplesmente no discurso “multicultural”, baseado na concepção republicana das minorias no seio de um universal encarnado no Estado de Direito.

16 Como dito pelo autor ao diferenciar: “Modelos são como Ideias platônicas, que se pode (que se deve) apenas copiar, sempre, é inevitável, imperfeitamente — os povos são sempre atrasados, ignorantes, recalcitrantes —, como os “modelos de desenvolvimento” impostos a ferro e a fogo pelos Bancos Mundiais, os FMI, os Estados Unidos e a Comunidade Europeia, e, por último mas não por menos autoritários, os Governos de nosso trágico país. Exemplos instigam à experimentação e à criação. Modelos, à obediência e à servidão. Exemplos se seguem, como se segue uma pista que nos leva aos nossos próprios lugares; modelos se aplicam — sempre aos outros, aos menores, aos menos, aos que se obriga serem aplicados na aplicação dos modelos que lhes empurram goela abaixo” (2016, p. 49).

Referências

BASCHÊT, Jérôme. Los zapatistas: ¿“ventriloquia india” o interacciones creativas? *Istor*. Mexico, Año 6, n. 22, 2005. Disponível em: <http://www.academia.edu/5119611/Los_zapatistas._Debate_con_J%C3%A9r%C3%B4me_Baschet._Istor>. Acessado em 11/07/17.

BOOKCHIN, Murray. *The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy*. Palo Alto: Cheshire Books, 1982.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

DIRIK, D. Feminism and the kurdish freedom movement. *Kurdish Question*. 20 april 2015. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/oldsite/index.php/insight-research/feminism-and-the-kurdishfreedom-movement/>>. Acessado em 11/07/17.

ESTRADA SAAVEDRA, Marco (ed.). *Chiapas despues de la tormenta*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, 2009.

EZLN. *Documentos y comunicados*. 5 vols. México: Era, 1994-2003.

MOREL, Ana Paula. Confederalismo Democrático: a proposta libertária do povo curdo. *Revista Diáspora*. 22 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.revistadiaspora.org/2016/02/22/confederalismo-democratico/>>. Acessado em 11/07/17.

ÖCALAN, Abdullah. *Guerra e paz no Curdistão*. Köln: International Initiative Edition, 2008.

_____. *Liberating Life: Woman’s Revolution*. Köln: International Initiative Edition, 2013.

_____. *Confederalismo Democrático*. Rio de Janeiro: Rizoma

Editorial, 2016.

SIBERTANC-BLANC, Guillaume. Politique et État chez Deleuze et Guattari. Paris: Puf, 2013.

STANCHEV, Peter. De Chiapas a Rojava: mais do que apenas coincidências. Anarquia ou Barbárie. 24 de abril de 2015. Disponível em: <<https://anarquiabarbarie.wordpress.com/2015/04/24/de-chiapas-a-rojava-mais-do-que-apenas-coincidencias/>>. Acessado em 11/07/17.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Sobre a noção de etnocídio. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/314737647/Sobre-a-Nocao-de-Etnocidio-Com-Especial>>. Acessado em 11/07/17.

facciaoficticia.noblogs.org



“

O movimento zapatista em Chiapas luta a cada dia pela construção de autonomia e pelo *lekil kuslejal* (“bem viver”, em *tzotzil*) enfrentando uma incessante ofensiva estatal. Em Rojava, o povo curdo, constrói diversos experimentos de autonomia, ao mesmo tempo em que resiste aos ataques do Estado Islâmico e da Turquia, seu patrocinador. Como esses dois movimentos que atuam em lugares tão distantes e distintos podem se relacionar e dar alguma esperança hoje de novos amanhã? Tendo em vista esse mote, esse texto é tecido a partir de trabalho de campo em Chiapas e das leituras de materiais e bibliografia sobre os acontecimentos recentes na região do Curdistão.